



PRO-VIMARANE



QUINZENARIO DEFENSOR DOS INTERESSES DA CIDADE E CONCELHO

Editor, B. FARIA MARTINS. Director, DR. JOÃO O. BASTOS Adm.-Delg., JOÃO S. S. RIBEIRO.

Propriedade da Empresa "PRO VIMARANE,"

Redacção e Administração: R Republica. 24

COMPOSTO E IMPRESSO NA "TIPOGRAPHIA LUSITANA, R. CRAVADOR MOLARINHO, 47 GUIMARÃES"

MAIS uma página que se volta no interminável livro do destino! ..

1927 anos vão correndo após o nascimento Daquela que pregou a Paz e o Amor, bendita semente, que o árido terreno onde foi lançada não deixou frutificar.

Degladiam-se as ambições, entrecam-se os interesses, sibila forte o vento da imoralidade e da depravação, a cobardia moral continua a dominar o geral das gentes, o cortejo lígubre da miséria humana rasteja a sua gangrena pútrida, pustulenta

E assim se vão passando os anos, se vão roendo existências que outras, esperanças, vem substituir.

Se nos atrevêssemos a fazer o juízo do ano, que de misérias e ignomínias não teríamos de fazer passar por este éon!... Mas como não nos julgamos no direito de ir roubar a esperança e a fé aquelles que porventura ainda a possuem, limitar-nos-hemos a dizer como o astrologo seringador:—*Deus super omnia...*

□ □ □

NÃO seremos nós quem regateará louvores à Comissão Administrativa da Camara Municipal, em virtude de alguns melhoramentos que secciona realizar e que são do agrado geral. Já aqui chamamos isto.

Não se olhe vesgamente para aquilo que aqui escrevemos, pois não ha intuições reservadas naquilo que pomos em linha redonda.

E, posto isto, lembremos a quem está encarregado de vigiar pela cidade, aquelas ruínas da travessa do Monte Pio.

Porque se não limpa aquela montureira e manda demolir aquelles casebres em ruínas?

Recomendamos ainda este assunto à autoridade sanitaria.

Há, como este, tantos melhoramentos urgentes a realizar e que deveriam preferir outros que já lograram ser iniciados.

Importa mais à beleza da cidade e à hygiene, do que qualquer mudança de fontenario ou chafariz.

□ □ □

SUICIDOU-SE o pároco de S. Paio.

Este suicidio impressionou a cidade inteira senão o paiz

E' que as circunstancias em que se deu tal facto, são ainda bastante confusas. A opinião pública continua na dúvida sobre os motivos que alucaram o P.º Olímpio Rebelo.

As autoridades ainda não deram uma satisfação cabal à mesma opinião

Não curamos saber das razões íntimas que vitimaram o tresloucado moço. Mas, há ou não há um *homem do capote*, que torna misteriosa aquella morte?

Quar haja quer não é preciso que as autoridades deem a entender que estão senhoras do que se passa.

Só assim se tranquilizarão os espiritos, e as mesmas autoridades se prestigiam e poderão ser credoras da confiança pública.

O SENHOR ANO NOVO

Ano novo, vida nova! Assim costuma sentenciar o povo, no seu *saber de experiência feito*. Mas, geralmente, esta sentença é falheira nas realidades da vida e da prática. Cá para nós, — para a nossa Terra e os da nossa Terra, — então tem sido u na calamidade.

Passam-se os anos. Sempre as gazetas costumam saudar o ano que desponta com frases arrebicadas e doces como o melaço que impera nas *artes culinárias* destes dias de grande festa, da maior festa, porque é a que mais nos enternece e fala ao coração. Os artistas do lapis vêm prestar, também, o seu concurso, incorporando-se na recepção ao ano que chega. E as frases arrebicadas e doces, adornam-se, como suntuosa *Arvore do Natal*, de garridos desenhos, a trasbordarem vida e côr, como coletinhos também garridos e mais brégeiros das moças do nosso Minho.

O ano que chega, cheio de vida e de *sangue na guelra*, vem acompanhado da sua caixa de segredos, a *cornucópia* repleta de promessas e de esperanças, qual *cachopa casadoira* em dia de festa na *vila*.

Os poetas, por sua vez, burilam na lira versos ritmados e rendilhados como ogivas, e tudo se congrega e tudo se mistura para que à recepção do ano novo nada falte.

Cá estamos nós também. Não queremos faltar neste cortejo de esperanças. E embora em frases rudes, sem bonecos, sem arrebiques, sem enfeites domingueiros, nós vimos saudar o Senhor Ano Novo que acaba de nos honrar com a sua gentilíssima visita e com as suas generosíssimas promessas. E' certo que, para nós, a sua *cornucópia* é avara. Mas, paciência...

E' possível que Sua Excelência nos faça muitas promessas: = a construção do Hotel e do Teatro, a volta do 20 e da banda, a inauguração dos Paços do Concelho e das novas avenidas, o elevador para a Penha a inaugurar por ocasião do grandioso Congresso Eucarístico, uma praça de mercado *fechada, marquizada e envidraçada*, luz electrica nos nossos comboios, electricos, juizo para os de Vizela, etc. e tal.

Mas não confiar muito, porque o tal Senhor Ano Novo que ha pouco chegou tem, nos bordos da *cornucópia*, à laia de Seringador, esta di. isa passa-culpas: *Deus Super Omnia!*

VILAFLORE.

PERDÃO

*Senhor, Teu julgamento é feito de equidade;
Aos homens, com prazer, Tu sabes ser propício;
Por mim sobre uma cruz morreste, em sacrificio,
Por mim sujeito à Dor baixaste à Eternidade!*

• *Porém, ó Deus d' Amor, a minha impiedade
Reclama, sem cessar, as penas do suplicio;
Ai! louco, de Teus dons eu fiz um desperdício,
Em busca do prazer e da felicidade.*

*Eu Te ofendi sem dó, mas choro o meu pecado,
E, como o filho ingrato, outrora desgarrado,
De volta enfim ao lar, bendigo o teu amor;*

*Senhor, benigno acolhe o pranto penitente.
Se filho ser não soube, oh! sê Tu pae clemente,
Eu fui o Teu algoz, sê Tu meu Redentor.*

Trad. de De Barreaux

MENDES SIMÕES.

E' do uso e costume, n-sta quadra que passa, saudar aqueles que conosco convivem e trabalham.

As expressões de *Boas-Festas* e um *Ano Feliz*, são um logar comum a que não podemos fugir.

E, é do coração que. áqueles que de qualquer modo cooperam conosco nesta cruzada, — PRO VIMARANE — assinantes, colaboradores, tipógrafos, etc. lhes auguramos um ano próspero e cheio de felicidade.

Sabemos que os tempos não vão bons para tal, mas... *alma até Almeida...*

□ □ □

FALAMOS, no nosso ultimo número, na grandiosa imponencia que revestirá o Congresso Eucarístico que em Junho deste ano se reslizará na nossa terra.

Mas a propósito, ocorre-nos uma pergunta:—Não é costume, pelo menos quando os Congressos se tem realizado em Braga, distribuir por toda a arquidiocese listas de subscrição para custear as despesas com esses congressos? Não porque temamos que os vimaranenses deixem de cumprir, como sempre tem cumprido, o seu dever.

Mas... cá por coisas. Quem puder responder-nos muito lhe agradecemos se nos fizer esse favor.

□ □ □

Aí vai uma história...

Era de uma vez uma Câmara, que em certo dia resolveu adquirir dois carros para a limpeza que é de sua obrigação fazer, o que nem sempre acontece.

Para isso mandou chamar os seus fornecedores. Ora, não damos novidade nenhuma se dissermos que nisto de fornecedores há filhos e enteados.

Aquele chamamento foram quantos enteados fornecedores havia. Verificados planta e caderno de encargos, opinaram os fornecedores enteados que lhes era materialmente impossível construir os citados carros em virtude da exiguidade da verba que lhes era atribuida. E... desistiram.

Nesta altura chegam os filhos fornecedores e tomam sobre si o encargo daquele fornecimento. Que espirito de sacrificio!!! Que abnegação!!!

E dizemos sacrificio e abnegação, porque os filhos fornecedores foram mandar construir os carros em questão a um dos enteados que tinha visto a impossibilidade de os fazer. Já é!...

Ora alguém que superintende nestes fornecimentos, naturalmente para premiar este *gesto* tão altruista, consentiu que a já referida planta não fosse cumprida à risca. Enquanto aos enteados era exigido que nem um parafuso faltasse, os filhos suprimiram molas e fizeram aquilo que muito bem lhes deu na gana.

Isto vai sem comentarios à laia de história que se conta à lareira nestas gélidas noites de consoada.

Picadelas ...

*Dizem que não tem retrete
O teatro Gil Vicente;
Já li isso em qualquer parte,
E pensa assim muita gente.*

*Eu, porém, não acredito,
Nem vou assim nêsse engodo.
Pois retrete bem imunda
E' o tal teatro todo!*

MOCHO.

Escolas Industriais

Venho defendendo, nos números anteriores d'este jornal, a necessidade de criarmos escolas industriais e de encaminharmos para elas o maior número de alunos.

Veem a talho de foice as notícias que a imprensa do país todos os dias nos dá, relatando, enumerando a pavorosa soma de indivíduos que, abandonando a sua Pátria, se espalham pelo mundo, procurando uma terra que lhes dê aquilo que a sua lhes não pôde dar.

Que irão buscar êsses milhares de analfabetos, que, aos cardumes, abandonam a terra da Pátria? A felicidade? A morte? A desilusão?

Ai dêsses desgraçados, que, á procura da felicidade sonhada, vão ao Deus dará, á aventura, em busca da varinha mágica, que lhes dê, embora á custa de amarguras da alma que deixam despedaçada ao longo da estrada negra da vida, um bocado de pão na velhice, na decrepitude!

Pobres ingénuos!...

Milhares dêles morrem por lá mais pobres e miseráveis do que foram; milhares dêstes homens mourejam em rudes trabalhos, e desiludidos já, não conseguem em numerosos anos de luta, um pecúlio, que os traga novamente á sua Pátria; e lá ficam, definhando-se, tendo sempre presente para maior amargura, a sua terra natal, o cantinho do seu lar, os seus êntes queridos, a quem já há muito perderam a esperança de abraçar...

E' necessário pôr termo a tão lamentável quadro.

Convém normalisar o movimento emigratório.

A emigração em fuga desordenada, que ultimamente se tem manifestado, resulta do profundo mal estar económico em que vive Portugal: a carestia da vida, crises de trabalhos provenientes da nossa péssima organização industrial, etc, etc.

A emigração portuguesa, tem, portanto, um aspecto deplorável; e o mal, o grande mal, é que o emigrante não é valorizado pela educação, quer moral, quer profissional; é seqüentemente incapaz de nobilitar a sua Pátria em qualquer parte do mundo.

Tem muita relação, no meu modo de ver, esta soma enorme de homens que emigram, com o assunto que eu venho tratando — a criação de escolas industriais, a educação moral e profissional do operário.

Tempestade ... amena

Quando a imprensa da nossa terra, *amortalhando-se* no manto denso duma politiquice pelintra e rancorosa, perdia todo o seu tempo incensando os *deuses* da sua especial devoção, e, conseqüentemente, negava justiça aos que, fora do grémio que ela instituiu e alentava, de modo algum se conformavam com a marcha que levavam as coisas que interessavam ao velho burgo; quando essa imprensa, assim orientada, *deservia* a causa pública, á qual antepunha a causa particular, a privativa, aquela que tinha por principal objectivo contrariar as aspirações duma população que desejava caminhar na vanguarda do progresso: tal imprensa passou a ser um dos principais factores do atrazo que ainda hoje se nota em todos nós, pela subserviência que ditou e insuflou no carácter individual de cada um, fazendo-nos crer que só *certos* tinham direito a respirar o ar que é portador de civilização, do ar que é a vida real, sem sofismas, sem impertinentes dilacões que levam ao marasmo, á morte.

Bajuladora por excelência, como que a sôlido de certas criaturas de fácil triunfo em terra de cegos, essa imprensa deixou de si uma desgraçada recordação, recordação tão desgraçada que é necessário dela falar a nossos filhos para que êles saibam que, se Guimarães se tem afastado da linha em que outras terras de somenos importância já avançam, foi porque essa negregada imprensa não soube manter, na tela da discussão, aquele aprumo que é próprio dos que honradamente se propõem defender a causa pública.

Sem embargo duma ou outra nota discordante, como que reflexo ainda do badalar monótono da imprensa de outros tempos, a moderna imprensa local apresenta-se aguerrida, discutindo com calor e

alheando-se de velhos respeitos ou preconceitos que inibiam quem em público escrevia de falar claro aos seus concidadãos.

Vai até, no momento, desenvolvendo-se nos jornais vimaranenses uma tal tempestade que traz sériamente incomodados alguns dengosos leitores, desabituaados de verem alterar-se as ondas do mar das letras numa fúria assim. E tremelicam, coitados, de assustadiços que são...

Pois nós, muito ao contrário, reputamos essa tempestade... amena. Aparte uns longes de bisbilhotice que não tira nem põe, discute-se, no fundo, na realidade, alguma coisa que pode e deve redundar em benefício da nossa terra.

Certo, processos de administração, direitos de cidadãos ao exercício de funções públicas gratuitas, obras ou desenvolvimento material (e moral, dizem alguns) da cidade e até crenças políticas, que, diga-se de passagem, tem que considerar-se e apreciar-se, são coisas que a todos interessam e especialmente aos que, como nós, muito do coração desejam que Guimarães progrida.

E' consolador observar, nêsse *élan* de lutadores que se armam de caneta e não de espada, que todos á porfia desejam ardentemente demonstrar-nos a eficiência dos métodos que adotaram ou adotam para fazer grande, para tornar formosa a terra de Afonso Henriques.

Esta circunstância, por si só, bastaria para que uns e outros se tornassem crédores da nossa estima e gratidão.

E ponhâmos de lado uma pontinha de ciúme que se adivinha às vezes no decorrer da discussão.

Ciúme é amor que desatina; mas sempre... amor.

SERAFIM RODRIGUES.

Certamente que, se se tivessem criado as escolas a que me refiro, procurando que elas, por qualquer forma, tivessem o maior número de alunos, depois do seu curso feito, êles mesmos conseguiriam condições vantajosas e criariam elementos de vida no seu próprio país.

Não emigrariam pois, e se alguns o fizessem, que importava se êles iam acompanhados por elementos importantes de valorização pessoal?

E assim a Pátria alguma coisa lucrava; doutro modo, tudo perde.

Urge, portanto, montar estas escolas convenientemente, fazer saber a todos os operários, por meio de conferências públicas, ou na sede das suas agremiações, que, *industria que não tenha a orientá-la um espírito científico, ou não seja servida por agentes de reconhecida capacidade, nunca poderá produzir bem, por não possuir as bases de uma segura e profícua educação profissional.*

E assim, julgamos, se resolverá em grande parte a crise que atravessamos. — JOM.

Pios

- Má compreensão -

Há pessoas dotadas dum sistema nervoso tam delicado que, á mais leve observação que se lhes faça, cedem imediatamente ao seu temperamento impulsivo, exaltam-se, vociferam, sem se darem ao trabalho de reparar duas vezes na observação feita, não vá ter-se dado um mal-entendido. Dividiremos êste género de indivíduos em dois grupos: os que teem uma ilustração deficiente, mercê da escassez de recursos e porque lhes não sobeja o tempo para cultivar a sua inteligência como devia ser, o que, de resto, em nada os diminue, e aqueles que, possuindo uma certa ilustração, não procuraram ainda educar o seu temperamento, dominando os nervos, para depois de analisarem serenamente um determinado assunto poderem atacar ou defender se inteligentemente.

Com êstes últimos, que nos voltam as costas quando temos a infelicidade de lhes não agradar, não perderemos o nosso tempo; limitamo-nos a copiar-lhes o gesto, só com uma pequenina diferença: é que não faremos espírito em cartões de visita.

E', portanto, aos primeiros que hoje nos dirigimos, esperanças em que desta vez nos prestem um bocadinho mais de atenção.

Ao iniciarmos ha tempos esta secção o propuzemo-nos fazer, dentro, claro está, da maior correção e segundo o nosso modo de ver, uma crítica justa e desapixonada a tudo o que entendêssemos dever merecê-la, sem nunca nos deixarmos levar por espíritos santos de orla. E' isso o que temos procurado fazer, sem brilho literário, é certo, mas com consciência e sem intuítos reservados. Não temos inimigos; ainda que, porém, os tivéssemos, não era do jornal que nos serviríamos para satisfazer ódios pessoais porque êsses processos repugnam aos indivíduos de boa moral.

Acusam-nos algumas pessoas de emprendermos campanhas de destruição com o fim de agradarmos a certas criaturas. Opinim outras que o nosso fazer é dizer mal daquilo que está bem. Mentem umas e outras. E a melhor resposta que a todas elas podemos dar, já que o nosso nome se divulgou, é convidá-las a aponntar-nos qualquer acto ou facto da nossa vida em que se prove menos amor pela nossa terra ou má-vontade contra qualquer instituição.

Surja o primeiro a descobrir na nossa vida uma acção que denote pouca honradez, e fale depois. Apareça alguém que seja capaz de provar a nossa má-fé ao comentarmos êste ou aquele caso, e dirija-nos então todos os impropérios que entender.

Agora, fazer juizo a palpite, deturpando as palavras que escrevemos, duvidando das nossas intenções e acusando ainda creaturas com quem não man-

Polícia

-Necessidade urgente-

Quem haverá por aí que não sinta a necessidade urgentíssima da criação dum corpo de polícia nesta cidade!

Não estão aí a reclamá-la tantos casos de ordem moral e material?

Guimarães, que desde há muitíssimos anos possuía a sua corporação de polícia, chegaria àquele estado de adiantamento que a possa facilmente dispensar?

Infelizmente não pode. É urgente a sua criação, mais para reprimir os vergonhosos espectáculos que a nossa cidade oferece, do que por outra coisa.

Há um código de posturas que ninguém respeita. A substituição faz sala das soleiras das portas no centro da cidade. Nos lugares mais concorridos, o palavrão soez fêre os tímpanos mais castos. Os direitos mais legítimos do cidadão são postergados. Etc., etc.

Como remediar este mal ou, pelo menos, opôr-lhe um freio?

Criando um corpo de polícia que esteja à altura do papel que lhe é cometido.

Uma pseudo polícia como aquelas últimas que tivemos, não nos serve.

E, a propósito, ocorre nos perguntar:

Não foi resolvido pela vereação transacta este assunto?

Não está votada e regulamentada a criação dum corpo de polícia? Se não estamos em erro, temos isso nos jornais de então.

Se assim é porque se espera? Vamos saber o que há, e não largaremos este assunto de mão.

temos espécie alguma de relações, de nos fazerem sugerir um determinado comentário, é uma acção que nos abtemos de qualificar e que só pode desculpar se pela tal falta de serenidade com que certas pessoas vêm as coisas.

Fiquemos nisto. Nunca nestas colunas se ofendeu quem quer que fôsse. E se as nossas palavras não são, por vezes, do agrado de todos, são, todavia, ditadas por uma sã consciência e tem como único objectivo estimular os visados nestas crónicas a honrarem sempre a colectividade a que pertencem, para seu bem e da terra em que nascemos.

CORUJA.

ATRASO

Em virtude de uma avaria na máquina impressora, sai o nosso jornal com algum atraso, pelo que pedimos desculpa aos nossos assinantes.

—Por igual motivo também o nosso colega «Ecos de Guimarães», deixou de se publicar esta semana.

ARTES SACRAS

Resposta a um artigo de «A Velha Guarda»

De visita ao querido seio de minha família, junto da qual vim passar estes sagrados dias do Natal, e donde circunstancias da minha vida temporariamente me afastaram, depararam meus olhos com uma rápida alusão a um assunto que tanto, ultimamente, tem preocupado o meu espírito, na melhor intenção de com meus humildes esforços prestar um serviço à minha terra, pela qual sinto o mais puro e acendrado amor. Foi assim que, com o mesmo título que abre estas linhas, o jornal «A Velha Guarda» diz, em resumo, que não é com o fim da criação dum *museu de arte-religiosa* que se pensa em obter a concessão da extinta igreja de St.^a Clara, mas simplesmente orientar as coisas de fôrma a que, com manifesto prejuizo para o Liceu Martins Sarmiento, se reabra novamente ao culto aquele templo, que outrora foi «o rendez vous chic das meninas namoradeiras, o logar preferido pelo clericalismo jesuita para a sua propaganda entre as mulheres... da moda».

Não podemos agora, serenamente, divagar sobre esta questão que tanto nos interessa e tortura-nos até a infeliz casualidade de estarmos afastados da nossa linda terra, onde melhor poderíamos trabalhar em defeza da nossa ideia que, uma vez bem esclarecida de todos os nossos conterraneos, merecerá, sem dúvida, o aplauso de todos eles e a coadjuvação daqueles que mais a prezam e estimam. O nosso fim é tão sómente aquele que expusemos numa ligeira entrevista, que gostosamente tivemos, antes de partirmos para fóra daqui, com um illustre redactor do «Pro Vimarane» ao qual, por sua instancia, revelamos esta nossa aspiração quanto ao recheio da igreja de St.^a Clara, que toda a gente de Guimarães, suponho, sabe ter sido adquirida por uma comissão de que faço parte, e paga por subscrição pública entre os bons filhos da nossa terra.

É certo que o Estado cedeu o interior daquela mesma igreja ao nosso Liceu, afim dali instalar as necessárias dependencias de que carecia, pensando-se em applicá-lo à criação dum ginasio. Abstemo nos agora de bordar comentários sobre a tristeza que nos causa vêr substituído um

tão formoso templo vimaranense, enriquecido de preciosa talha renascença, onde (diga-se a verdade) mais nos encantava a beleza da sua arte, do que até mesmo a tradição do culto que, durante dois séculos, ali se exerceu. Quando ali entramos naquele fatídico e lutuosamente memorável dia em que todas aquelas admiráveis relíquias doutras eras foram postas em leilão, a troco de insignificantes quantias, o nosso coração estremeceu de pasmo ante a criminosa indiferença com que os nossos conterraneos assistiam, ou antes, permitiam tamanho ultraje ao património artístico da nossa terra e, cheios de revolta e entusiasmo, tivemos a fortuna de salvar, conjuntamente com alguns amigos, das mãos dos bric-à-bracistas — a joia da Canela-mór! Sim, temos honra e orgulho nisso. Mas agora que ela pertence unicamente à cidade de Guimarães, como já pertencia, e que em defeza dela corremos a todos os vimaranenses patriotas para pagarem o seu custo, cumpre-nos levar a cruz ao Calvário, que de bom grado arrastaremos, e pensando na melhor forma de aproveitar aquela valiosíssima obra de arte.

Foi assim que no nosso espirito desabrochou a ideia da organização dum museu de arte sacra, que guardasse o rico *Tesouro da Colegiata*, condignamente, parecendo-nos que era esta a mais feliz oportunidade de o levar a efeito, utilizando o interior da antiga igreja de Santa Clara, onde elle teria maior brilho e deslumbramento.

De resto, quem percorrer esse nosso amado país, tão pobre de joias artísticas desta natureza, vê no entanto, em algumas cidades mais ditosas do que a nossa — Vizeu, Coimbra, etc.—formosos museus de arqueologia sagrada que tanto honram e enobrecem aquelas cidades e são orgulho e pergaminho de seus filhos.

A nossa ideia está apenas brotando, como um raio de luz que desponta no horizonte. Confiamos na sua graça e faremos com que essa luz acalente todos os corações que, como o nosso, só abrigam no seu íntimo o mais puro e desinteressado affecto e carinho à terra que nos foi berço.

JERÓNIMO DE ALMEIDA.

OS HOTEIS

Guimarães continua sem hotéis. Segundo ouvimos há quem se proponha abrir ao público o antigo Hotel do Toural. Quem entra esta iniciativa? Guimarães e os seus interesses, não podem estar assim á mercê dos caprichos de quem quer.

Difícultar uma iniciativa desta natureza é contribuir para o descredito, para o abocanhamento desta terra.

Mas, como dissemos no último

número, esta iniciativa não inutilisa a outra, pois por mais boa vontade e esforços que empreguem os seus patrióticos organizadores, não terão o novo hotel pronto a funcionar antes de dois anos.

E dois anos é período mais que suficiente para tóda a gente que viaja ter conhecimento de que em Guimarães, não há, por assim dizer, um hotel onde com relativa comodidade, se instalem.

Respigadeiro

Nas «Novidades» de 19 de Novembro, em correspondência desta cidade, tivemos occasião de apreciar este bocadinho de prosa que passamos a transcrever com a maior fidelidade possível:

«Como de costume, realizaram-se este ano as Festas de S. Nicolau.

Tenho a lamentar que fôsem iniciadas pela agressão feita por alguns estudantes ao illustre professor do nosso Liceu, sr. dr. Mário Goulart Barbosa.

Ficam sempre mal aos Académicos estes actos que os nivelam aos desordeiros criminosos e contra este levado a efeito na noite de 29 do mês passado, aqui lavro o meu veemente protesto apresentando ao meu Amigo sr. dr. Goulart Barbosa os cumprimentos de muita estima e consideração.

Conhecemo-lo de ginjeira a este correspondente.

Que S. Ex.^a quizesse apresentar os seus cumprimentos ao sr. dr. Barbosa, estava no uso dum direito e nada tínhamos com isso; mas, que propositadamente deixasse de relatar a verdade, isso não devemos deixar passar em julgado.

Pelo que se depreende das suas palavras, o correspondente das «Novidades» viu que foram estudantes que agrediram o sr. dr. Barbosa.

Agora, perguntamos: qual a causa que levou os estudantes, se foram estudantes, o que não está demonstrado, a tomarem esta attitude agressiva perante este professor?

Seria o simples desejo de vingança por algum interesse lesado? Não, não foi.

Se eram estudantes ou não os que agrediram o sr. dr. Barbosa não sabemos; porém, o que podemos afirmar ao solícito correspondente (que viu tudo e não viu nada) é que a agressão foi motivada pela indignação que se apoderou de algumas pessoas que estavam presentes quando o sr. dr. Barbosa investiu numa carreira desordenada imprópria dum homem no estado de perfeita lucidez de espirito, sobre uma criança indifereza a espancou violentamente a ponto de espedaçar o guarda-chuva que empunhava naquela occasião.

Após este acto pouco digno, a reitoria procedeu contra os estudantes que eram acusados de ter desrespeitado um seu professor.

Terminado o inquérito (que não queremos aqui classificar) somente foram castigados com penas pesadíssimas os supostos agressores.

E, já estamos a ouvir o leitor a perguntar: Então, o professor que agrediu, se m justificação possível não foi também punido?

Não foi, nem o podia ser, porque estava ao abrigo da lei que, em artigo que não podemos precisar, resa assim: § 1.º Ao professor é dado o direito de espancar qualquer aluno, sempre que lhe dê para tal na sua real gana. § 2.º— Todo e qualquer aluno agredido por um seu professor tem por dever apanhar... e calar, uma vez que assim o entenda.

Aqui tens, caro leitor, a razão

(Conclue na 4.ª página)

PÁGINA LITERÁRIA

Cartas saúdosas

a T. J. C. B.

E' meia noite! Sentado á banca de estudo, diviso por o meio das janelas abertas de par em par, a ulva lú que transforma as trevas que tudo encerra, num azul ferrete que encanta!

Como é encantadora a natureza, apesar do sol não enviar já os seus raios como bênçãos que tudo anima, germina e desenvolve!

Como me apetece receber dum só a far, tôda esta atmosfera que truz partilhas dum meu «sol» que também dorme! «Dorme que tu vilo!

E não sentes um ruído de lábios que ciclam amor? Não ouvias como em sonho, uma harmonia que descanta meu coração, á mistura duma voz fraca e plangente que convida a amar? São serenatas!

Não sentes o peito ebúrneo comprimido por uma nota de saudade, que saiu mais sonora e viva da lira do meu coração? São devaneios!

Não te atormenta o demasiado perfume que emana das florinhas tuas irmãs, e que asfixia pela abundância? São ciúmes!

Ouve agora uma voz meliflua, cheia de encantamentos, que te segredou mil felicidades em transportes de lágrimas e luz!... E' o amor!

Amor... palavra sublime que concretisa a melodia universal! Em amor fala a natureza decantando hinos. Amor diz á vizinha, brincando com seu suave gorgoejo, nos laranjais floridos duma primavera em festa!

Amor diz o enfracuecido pio das avesinhas tenras, que já no seu aveludado e encoberto ninho aprendem a amar.

Amor diz a mescla do perfume mórno das campinas virentes, com a melodia sussurrante dum regatozinho que passa em cristal.

Em amor fala a florinha que ri e se embala com o suave zéfiro, perfumando e deixando-o levar assim, uma fragância estonteante.

Amor diz a árvore frondosa, que num amplexo bem forte, a natureza quer estreitar.

Em amor fulam as Ave-Marias em pesados e compassados sons que atravessam tristes a natureza adormecida e vão beijar as campinas dalém!

Em amor falam as imagens vaporosas que ressaltam dos pomares e do fumo branco que se esvai em espiral, dos telhados do lugarjo abandonado que se avista alfim!

Em amor fala o luar com seus puros devaneios.

Em amor falam os milhares de brilhantes engastados no cordão do universo.

Em amor fala o silêncio da meia noite, quando as badaladas da longínqua matriz, veem visitar o ebúrneo anjo do sono.

Em amor fala o universo, onde gira sempre com a mesma har-

FRIVOLIDADES

Para Ela ler

Para a mulher o amor tem de ser considerado como um axioma ou como um dogma em matéria filosófica ou religiosa. Deve ser absolutamente indiscutível, fechado inteiramente á crítica, á discussão, ao livre exame.

A mulher para sentir sinceramente, com verdade, o amor, não pode, não deve discuti-lo.

Discuti-lo é dissecá-lo, dissecá-lo é conhecer tôda a trama da sua organização, todo o enredo do seu mecanismo, tôda a rede complicada dos seus desvíos e das suas loucuras, dos seus defeitos e das suas faltas, das suas infantilidades e dos seus caprichos. E conhecer isto, é tirar ao amor a sua poesia, tôda a sua maquiagem, tôda a santuosidade do seu artificialismo, tôda a sua frívola Beleza: é torná-lo demasiado vulgar. É um prosaísmo inconcebível e bárbaro.

Discutir o amor é inferiorizá-lo.

Discutir o amor é principiar já a não amar, a não sentir.

E é preciso poupar isso á mulher, porque de todos é sabido que para umas o amor constitui o maior entretenimento da vida, e para outras, para muitas, a grande, a maior ilusão da sua mocidade.

O amor não se discute, não se demonstra sequer: aceita-se ou não se aceita, corresponde-se ou não.

Demais o amor é bastante harmonia a infinidade de átomos! Em amor fala tudo, tudo, tudo!...

Em amor fala até o meu nada... Amor, amor, amor, és a palavra sublime que tudo anima!...

DINA.

plicado e constitui, principalmente para meninas de pouca idade, para essas maravilhosas futeis dos nossos dias, inexperientes, sem o treino que a vida no seu decurso oferece, um teorema geométrico de difícil, de quasi insólvel demonstração.

A mulher ama sem saber, sem cuidar de saber o que é o amor. E ainda bem. Umaz, fazem dêle um desejo. Outras, transformam-no num capricho. Julgam-no umas um pagem loiro de lenda ou das românticas novelas. Fazem dêle algumas, bastantes, uma simples questão material, de banalissimo interesse pessoal. E o amor não pode ser, não deve ser, não é positivamente nada disso.

Porque se o fôsse, o amor á força de material, de sórdidamente material, deixaria de ser divino para ser o mais estúpida-mente humano. E seria lícito então perguntarmos a nós próprios se teria valido a pena tanto poeta cantá-lo, tanto filósofo tentar explicá-lo, tanto santo fazer dêle o único motivo de orgulho da sua vida terrena...

O amor, como tudo o que é subtil e delicado, não requer muitas voltas. Deve ser tratado muito ao de leve, com incriveis cuidados, nas palminhas das mãos...

A sua análise, vedada em absoluto á mulher, até para nós homens deve ser muito superficial, muito ligeira, muito fugidia.

Porque, aí de nós se tentarmos aprofundar o amor! Ai da fantástica poesia do amor se a razão humana tentasse escalpê-lo!

Acontereria o mesmo que áquele marido interesseiro e egoísta, que na noite nupcial via, com pavor terror, sempre crescente, a sua artificialissima cara metade despojar-se das ancas, dos seios,

Último postal

Para o dr. José Rodrigues

E' o último postal dêste ano. Com o 31 de Dezembro desapparece do palco da vida mais um ano que, a única virtude que se lhe conheceu, foi a de nos convencer que o seu sucessor nada adiantará em bens para a humanidade, porque, solvo a esperança que ainda alimentamos ingênuos, os anos perdem a cabeça para curar de tanto mal e de tanta miseria de que todos vimos sofrendo, por culpa minha, sua, dos outros, de tôda a gente, enfim, que julgamos fazer uma obra moral e patriótica olhando como são boas as pernas da vizinha mais próxima, ou então dando á língua, ali, no Oriental, enquanto o Guedes nos serve café e o sol entra, quasi a medo, rafeirando-nos os pés carinhosamente.

Fecho o ano a escrever um postal. E' pouco? Parece-lhe, meu amigo, mas a verdade, a grande verdade, é que para mim é muito, porque sou quasi obrigado a fazê-lo para fechar esta página, e o tempo é pouco para cuidar de grandes coisas. Dirá V. que é um postal forçado, da última hora. Por isso mesmo mais o deve surpreender e agradar, tanto mais que é pelos fins de ano que se recebem cumprimentos de "boas saídas e boas entradas", — que é o que lhe deseja o — JORGE DE AZURÉM.

31 | Dez. | 1926.

dos dentes, da cabileira, de tôda uma inextricável miscelânea!

Uma mulher aquilo? Apenas um simples armazém de quinquelharias...

Não analisemos o amor... só assim êle poderá continuar a ser ainda alguma coisa de interessante e de ilusório na vida...

RUY DE LANCASTRE.

Respigadeiro (Conclusão da 3.ª pg.) porque o sr. dr. Barbosa não foi punido disciplinarmente.

O aludido correspondente protestou contra a agressão feita ao seu Amigo sr. dr. Barbosa; estava ainda no uso dum direito.

Pois bem, servindo-nos do mesmo direito que nos assiste, também protestamos com mais veemência ainda contra a insólita agressão de que foi vítima a infeliz criança, e não damos os parabens ao sr. dr. pela façanha ingente que praticou e que muito o notabilizou, porque não somos apolo-gista das lutas de gigantes e anões. — RÁDIO.

Hino à Dor

*Eu amo a Dor que me estrangula e morde
A dor suprema do abandono.
Da alegria morreu-me o extremo acorde
e já no ceu raiou o Outono!*

*Eu amo a Dor que me espesinha e mata
a Dor-Escarneo, a Dor sem Mãe!
Já A insultei, cham-i Lhe cruel, ingrata
e hoje adoro-A. Ela é meu Bem!*

*Eu amo a Dor que me lacera e oprime
e calca aos pés o coração.
Eu amo a Dor Bendita, a Dor Sublime,
e quero-A e tomo-A em comunhão.*

*Eu amo a Dor que rasga e crucifica;
a intensa e forte, a negra Dor!
Eu amo a Dor que eleva e santifica,
e nasce e vive pelo Amor!*

(INÉDITO).

ARNALDO BEZERRA.